



CORREIO EDITORIAL
 AUTORIZADO A CIRCULAR
 EM INVÓLUCRO FECHADO
 DE PLÁSTICO OU PAPEL
 PODE ABRIR-SE PARA
 VERIFICAÇÃO POSTAL
 DE00602013CE



Gaiato

Quinzenário • 20 de Abril de 2013 • Ano LXX • N.º 1803 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
 Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
 Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

CORRIA o mês de Abril de 1943. Já lá vão 70 desde esse ano, em que Pai Américo tomou em mãos esta “antiga Cerca dos Monges Beneditinos de Paço de Sousa”, para nela construir a Aldeia onde os Rapazes das Ruas do Porto estabeleceriam a sua Casa do Gaiato.

Nesse tempo, estava tudo por fazer; somente Pai Américo «via a Obra feita antes de começada». Quanto sonhou, de alma colada ao Céu, calcando estes caminhos, com o pensamento naqueles muitos que retiraria do vício da rua ou do completo abandono, para lhes dar uma estrada plana a percorrer, ladeada de belas e estimulantes paisagens!

Nestes mesmos caminhos passaram, certamente, durante séculos, os monges do Mosteiro louvando a Deus, renovado agora pela nova fraternidade de vozes de crianças, no início e no final de cada dia que lhes era dado viver – o sinal e a chancela de uma Obra que assim não pode acabar. Esta

é a única garantia da perenidade de uma Obra, edificar-se sobre a Pedra Angular. Ai daquelas que se fundam sobre os homens e os fundos, obra das suas mãos!

Não importa se os construtores são inteligentes ou intelectualmente limitados, brancos ou pretos, muito letrados ou não; importa que se deixem vencer por Aquele que é a fonte de todas as boas inspirações, o que dá alento no desânimo, em Quem tudo é possível e sem o Qual nada é possível.

Uma Obra assim tem de sofrer necessariamente a antipatia dos que põem a sua confiança em si mesmos, na sua ciência e poder. Ao invés, em nós próprios vemos muitas limitações e defeitos mas, tal como o agricultor que passado o tempo das sementeiras e dos cuidados com as suas culturas, as vê cheias de bons frutos, os quais fazem as delícias dos que passam e dos que com eles convivem de perto, assim nos é recompensado o esforço e renovada a esperança.

70.º Aniversário



Isto sentiram e sofreram e nisto se alegraram os trabalhadores que passaram por esta parcela da Vinha do Senhor, ao longo destas dezenas de anos: os Padres, as Senhoras, os Rapazes, que se deram generosamente sem esperar retribuição dos homens. Também todos os Amigos que com eles partilharam de diversas formas, assim como as famílias com raízes neste terreno humano.

O destaque que desejaram foi o serem reconhecidos pelo Senhor da Vinha, na hora em que Ele chama cada um pelo seu nome, e ouvirem dirigilhes a palavra: «Vem bendito de Meu Pai!». Outros reconhecimentos seriam vaidade, e por isso falsos destaques.

É certo que os filhos dos homens gostam de ouvir também o nome dos que lhes são mais queridos. Dos que nesta Casa do Gaiato deram a sua vida, e recebem agora o cêntuplo do aqui deram, todos os que lhes foram mais próximos partilhem da sua alegria que junto do Pai eles experimentam. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

UMA família, constituída por sete elementos, dos quais cinco são crianças, foi ajudada, há tempos, pelo *Património* a melhorar o seu andar atribuído pela Câmara: — canalizações de água, portas, louças sanitárias, vidros nas janelas, etc.

Ao mesmo tempo, o *Património* fornecia, também, todo o material para reconstruir um r/c facultado igualmente pela Câmara a outra família: — azulejos para a cozinha e casa-de-banho, chão completo em ladrilho cerâmico cor de vinho, areia, cimento, cola e tintas, além das janelas em alumínio, com vidro duplo, etc.

As duas mães de famílias eram conhecidas e amigas. A primeira, ao ver a beleza do pavimento da segunda, moeu-me o juízo para que lhe desse, também, um chão igual. Não o fiz, por me parecer que os tacos de madeira estavam em bom estado e o andar ficasse mais confortável com o tabuado do que com a tijoleira.

Agora, vem a delegação de saúde expor-me «a situação de insalubridade habitacional» nos seguintes termos: «Feita a avaliação clínica das lesões cutâneas dos elementos presentes, verificando-se a insistência de lesões compatíveis com a escabiose e, ainda, lesões provocadas por pulgas (as quais são vectores de várias doenças). Assim sendo, a substituição do pavimento seria muito importante para se conseguir uma adequada salubridade habitacional, com os naturais benefícios para a saúde de todo o agregado familiar».

Tenho andado com uma camada terrível de escabiose, não sei onde a apanhei, mas sinto quanto me custa a sofrer. Há quinze dias que me trato e ainda não me passou totalmente.

Assim compreendo o que esta família tem passado, há um ano.

Subi, escada a escada, até ao sexto andar. Voltei de novo a ver a casa habitada, percorri as divisões, ouvi as queixas da mãe de família,

Continua na página 4

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

HOJE é o dia da mulher moçambicana. Um feriado tão importante, que por ser Domingo, passa à segunda-feira. Mas creio que mesmo assim, só as que têm emprego gozarão a oportunidade. Por Moçambique fora será para ela um dia como os outros. Levanta-se, ainda a noite vai em meio, para tratar do mata-bicho do homem e dos filhos. Vai à machamba, por vezes a muitos quilómetros de distância, com o bebé na capulana. É o seu lugar de trabalho. Como por magia, ali tem verdadeiramente os pés no seu chão, ali é verdadeiramente senhora. De lá traz a comida. A espiga de milho para assar, o grão para desfazer em farinha no pilão, o amendoim, a batata doce, a cacana, a folha de abóbora, da mandioca ou, na maior das penúrias, as ervas do chão que resistem à seca, tudo serve para o caril. Antes de regressar a casa, pela tarde, apanha um feixe de lenha seca, que trás equilibrado à cabeça, com elegância e vai preparar a única refeição do

dia, feita numa panela de barro ou alumínio. Põe água ao lume e quando ferve vai misturando a farinha e mexendo até que o volume da xima chegue para todos. Da mesma panela, com a mão ou uma colher, cada um vai retirando o seu bocado, molhando no caril. Se os filhos são mufanas ainda e foram à Creche, não podem, porque já comeram. Até as galinhas que estão por perto se aproveitam e metem o bico, sem serem chamadas.

No caminho da machamba, ou em casa se o charco fica perto, lava a loiça, lava a roupa, lava os filhos que a acompanham, que entretanto brincam na lama, alheios aos perigos que traz para eles: a cólera se é tempo dela, a bilharziose, a diarreia sanguínea e até por vezes a cegueira. Tudo se aproveita, mesmo que a ignorância não perdoe.

E que dizer do seu cantinho que o homem faz para ela e os filhos e para as três ou quatro se as tem? Todas separadas, mas dentro da sebe sempre viva.

Vem aí uma Pessoa Real que vive e viveu em Palácio toda a sua vida. Pois no seu roteiro quer visitar uma palhota. É a estrutura mais simples e precária, que há na terra. Em regra dura três anos. Se redonda, se quadrada, seis ou mais prumos de micaia trazidos do mato, revestidos com caniço, seguro com um arame e matizados com lama, se o homem é generoso, ou atado só, com uma casca de árvore. Ao centro um prumo mais alto para suporte da cobertura. Dele partem, bem presas, pequenas varas de mizenga mais forte, que apoiam nos prumos em volta e uma segunda camada, sobreposta em círculo. Para fecho, vários atados da capim, entrançado ao meio e estendido a toda a volta. Como remate, um molho mais pequeno, bem apertado e enfiado no prumo central. O valor mais relevante é ser de extremo acolcho no verão, mas no inverno entra frio e se vento forte, tomba e cai, porque a formiga roeu os

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO



Todas já tiveram vitelinhos

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

“QUEM PRÁTICA A VERDADE APROXIMA-SE DA LUZ” (Jo 3, 21) — Esta passagem da conversa de Jesus com Nicodemos teve sempre actualidade, mantém-na inteirinha nos dias de hoje, a todos os níveis, incluindo na vida das nossas Conferências Vicentinas. Nos casos que nos batem à porta e nos que descobrimos, coloca-se sempre a questão da verdade: A pessoa precisa mesmo de ser ajudada? A melhor forma de a ajudar é da maneira que a pessoa pretende? Estamos nisto de ajudar o próximo que mais precisa com verdade, ou só para inglês ver?

Obviamente não interessa, nem devemos estar a trazer para aqui exemplos, mas é bem sabido que as questões atrás referidas estão no dia-a-dia da vida das nossas Conferências. Também estão, ou deveriam estar, no dia-a-dia das vidas de todos nós, no dia-a-dia das vidas das organizações onde trabalhamos e no dia-a-dia da governação dos países.

Quando não há verdade, alguém está a enganar outra pessoa. Quem falta à verdade está a prejudicar outras pessoas. Por isso, vem muito mal ao mundo por causa da mentira.

Que Deus nos ajude a aproximarmo-nos sempre da Luz.

O nosso NIB: 004513424003543534043

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058

PAÇO DE SOUSA

ABELHAS — Neste momento têm andado a sair enxames nas nossas colmeias que estão a cargo do Sampaio. Pousam por perto e de imediato o Sampaio vai tentar a sua sorte em apanhá-las. Muitas vezes é difícil. O enxame pode sair outra vez da caixa — fugir.

VACARIA — Há poucos dias nasceu um vitelinho preto e branco. A mãe é a primeira vez que teve um parto. Tivemos a alegria de ver que correu tudo bem. O vitelo agora vai ficar uns tempos no vitleiro para depois se juntar aos outros irmãos que estão nos parques.

Estamos a construir uma estrumeira onde vamos passar a pôr o esterco dos nossos animais, para depois ser reutilizado para adubar os terrenos. A lei exige que façamos isso.

MATA — Temos andado a fazer limpeza à nossa mata, para mantermos o ambiente limpo. O nosso

Paulo «Mudo» tem cortado alguns ramos das árvores e aquelas que não interessam. Alguns rapazes vão ajudar. Assim mantemos a nossa mata limpa e vistosa. A lenha é aproveitada para as nossas caldeiras.

Bruno Alexandre

DESPORTO — Mais uma vez, jogamos fora do nosso ambiente. Não tem sido fácil! Mas mesmo assim, não temos parado, nem dado descanso aos nossos atletas — a não ser, àqueles que não querem trabalhar!

Desta vez, deslocámo-nos a Vila Meã. Fomos poucos, mas foi o suficiente para representar e dignificar a Casa e a camisola do nosso Grupo Desportivo. A nossa presença e a nossa postura, dentro e fora das quatro linhas, é que contam; *ganhar ou perder, tudo é desporto*. Por muitas contradições que possamos ter, não desanimaremos, apesar de, às vezes... quase sempre assim: *quem*

anda à chuva, molha-se. Por vezes, pagamos... a factura de tanto querer o melhor para quem temos a obrigação de zelar. Nem sempre corre como podia e devia correr!!

Em relação ao jogo, foi mais um jogo! Não houve problemas de qualquer espécie. Perdemos, mas pouco podíamos fazer. Levamos 12 atletas e, nos 90 minutos, tivemos que defrontar 22. Ter que lutar sempre com as mesmas armas, num campo com as dimensões máximas e com 11 atletas frescos na primeira parte e outros tantos, folgadinhos, na segunda, não se pode exigir mais dos nossos Rapazes que lutaram como leões. Ainda estivemos empatados 2-2, mas o adversário estava jogar em casa, habituados à relva e às dimensões do campo. No final do jogo: Vila Meã 6 – Casa do Gaiato 2.

Resta-nos a consolação de termos sido excelentemente bem recebidos. Para além da merenda oferecida por eles, démo-nos ao luxo de ter dentro do nosso balneário, sumo fresco, para matar a sede que os nossos Rapazes tinham no fim do jogo. Bem-haja.

Alberto («Resende»)

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

TRÍDUO PASCAL — No centro da Semana Santa, foi celebrado, na nossa Casa, o sagrado tríduo pascal. Na Quinta-feira Santa, pelas 19.00h, na nossa Capela, participámos na Missa vespertina da Ceia do Senhor, em que houve o *lava-pés* a doze Rapazes, dos mais novos, cujo gesto prendeu a atenção de todos. Às 15.00h, de Sexta-feira Santa, foi a celebração da Paixão do Senhor, com a adoração da Santa Cruz. No

Domingo de Páscoa, às 10.00h, participámos na Missa deste grande dia da Ressurreição do Senhor! Recebemos ainda a visita pascal, ao fim da tarde, e comemos uma merenda ajantada. Bom tempo pascal!

BARBEARIA — O Sr. João Aurélio, na nossa barbearia, nas férias escolares, cortou o cabelo muito curto à maioria dos Rapazes, por razões de higiene.

ARRANJOS — Os Srs. Pedro e Emídio têm continuado a pintar os interiores dos quartos do primeiro andar, pois a humidade tem feito estragos. Arranjou-se um modesto quarto de banho, junto ao ex-salão da tipografia.

FOLARES — Aos amigos e amigas que partilharam connosco bens alimentares, folares e outros mimos, o nosso muito obrigado! □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Cheiro de ovelhas

EM dias ditos *maiores* e crescentes de luz, pois a Encarnação culmina no Mistério Pascal, o orvalho do céu persistiu em encharcar prados verdejantes, para além de arrozais. A água regeneradora e purificadora, no entanto, é um bem escasso e a defender.

Também no cuidado dos animais é evidente que se exige para que haja salubridade, embora os javalis que ainda se vêem por estas serranias, lá se governam. Entre nós, ajudar a tratar o gado é tarefa rotativa e imperativa; porém, limpar currais de ovelhas e porcos não é apelativo. Aqueles Rapazes a quem se vai destinando este serviço, quando a incumbência é mais suja, ficam imundos e repelidos pelos companheiros. É um dos trabalhos custosos que os pode preparar para desafios duros. Contudo, diga-se que todo o serviço humano, benéfico, tem igual dignidade. Sendo a maioria deles proveniente das amálgamas e periferias urbanas, é salutar sentirem eles próprios os cheiros e sons das criaturas, e úteis, como

os animais domésticos. Desde o princípio, *Deus viu que isto era bom*. É preciso, desde cedo, aprender a comer o pão com o suor do rosto.

Ocorreu-nos, nestas andanças tão baixas, o retrato daquela primeira dúzia de *mendigos*, guiados pelo Pobrezinho de Assis, com as suas grosseiras indumentárias. Certo é que, assim, naquela pobreza, foram outros renovadores da humanidade. Embrenhados no nosso ambiente pastoril, chegou um apelo do novo Pastor eclesial, universal, Francisco: *Sede pastores com o cheiro das ovelhas*.

Assim, num âmbito mais humano, do nosso *modus vivendi*, vai havendo, de forma recorrente, uma preocupação quotidiana, que é a enuresse. A garotada, com as correrias e os chutos na bola e até nas canelas, manifesta sede abundante. E, mesmo com chuva a potes, abrem muitas vezes o bico para a bica corrente. Não vem dia ao mundo, antes do leite matinal, em que alguns miúdos não tenham de levar o seu fardo

molhado até à lavandaria, a qual não tem parança. A incontinência não é exclusiva dos pequenitos da casa-mãe. Há progressos humanos que são lentos e graduais, considerando também motivos emocionais. Um deles, pequeno, exige banhos amiúde, logo que se escuta: — *F. está borrado, outra vez...*

Parece que derivámos para coisas banais, mas tínhamos em vista, sim, a grande lição do *serviço* que Jesus deu naquele dia memorável da Sua despedida convivial. No corrente ano, antes da Ceia do Senhor, o reboição para o *lava-pés* foi por demais evidente. Do vestuário que nos vai chegando, foram escolhidas paveias, a preceito, de *roupas de ver a Deus*, sendo uma exigência diária de quem deles cuida maternalmente. No momento próprio, no supedâneo do altar, foram chamados pelos nomes doze garotos, reguilas, para se descalçarem. Na sua vez, sentados num banquito de madeira, aos nossos olhos e sob o olhar atento dos participantes, foram-se desfiando no nosso coração histórias de vidas feridas, cujas lágrimas afinal foi a água que os lavou e recolheu numa bacia que deu para regar as



aleluias do jardim. A crueza dos seus percursos, e de outros que vamos encontrando perdidos, não nos tira a esperança. Alguns miúdos chegaram a apresentar ambos os pés. Foi Pedro que replicou a Jesus: — *Senhor, então não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça*. Todos aqueles *filhos da rua* receberam o ósculo, pois Jesus tocou mesmo naqueles que libertou das suas enfermidades. O corpo é espaço de graça. Convidou-nos, assim, de forma servil, para o caminho d'Ele: o serviço aos outros e ao Outro.

Como em qualquer família, os pequeninos não dispensam os cuidados maternos, que o afago de mãe e da Mãe é único! Toda

a pessoa humana se encontra nos encontros com o próximo e quando desce para o servir, especialmente frágil, cresce e percorre um itinerário às avessas da mundanidade.

Ao fazer-Se Homem, Jesus não deixou de ser Deus verdadeiro. O Deus altíssimo tornou-Se o Deus baixíssimo: *Despojou-Se a Si mesmo, tomando a condição de Servo*. Ao longo da Sua vida escondida e pública, sempre recusou a vã glória humana. E, para vencer a miséria, fez-Se Pobre com os pobres. Só o que é assumido é curado e salvo. *Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher o universo!* □

SETÚBAL

Padre Acílio

COM o Roni, no hospital de Setúbal até de madrugada, tive ocasião de conversar com as pessoas que lá trabalham e com as que carregam o sofrimento dos seus familiares e amigos.

O Roni é um rapazinho negro que eu não duvidaria pôr num pedestal para ser canonizado, pela sua humildade, irrepreensível camaradagem e perfeição em tudo o que faz.

A sua compleição física é composta por células ciclóidais, não esféricas como as nossas, e isso traz-lhe várias complicações de saúde. Pôs-se a jogar futebol com os outros e desidratou-se de tal modo, que já tudo lhe doía: as costas, a barriga, a cabeça e o pescoço! Era um mal-estar assustador.

A sua aflição era tão grande que se comunicava e não tive outra saída senão levá-lo ao Hospital de Setúbal, onde foi assistido convenientemente.

Na urgência do Hospital há, sempre, muitas pessoas a sofrer os mais diferentes males.

A partir da meia-noite as forças começam a faltar, o tédio a crescer e o cansaço a dominar. É necessário procurar algo que

nos prenda, já que o nosso doente começa a serenar.

Uma conversa com mãe de outro menino, ali enfermo, despertou-me, e dirigi-me para outra senhora conhecida daquela, ali a trabalhar como auxiliar médica. Era viúva, com duas filhas a seu cargo, uma das quais havia abandonado a Universidade e, sem êxito, procurava trabalho. Porque os proventos da mãe foram reduzidos, a menina viu-se obrigada a abandonar a Faculdade e a anular a matrícula, o que lhe custaria 800€! Esta, sofria ainda de uma doença na coluna que a impossibilita de esforços físicos.

Enquanto dava outra volta pelo trabalho e me deixava preso ao seu drama, aproximava-se, de novo, para desabafar. Perguntei-lhe se nunca tinha ido falar com o Pároco. Este tem sempre o mundo social mais largo ou possibilidades de o abrir e encontrar alguma saída!

Que não frequentava a igreja e o desconhecia.

— *É o que faz a gente afastar-se de Deus!* — Retorqui-lhe com dor.

Propus-me, então, a arranjar a disponibilidade de uma pessoa

amiga para contribuir nas despesas escolares da menina, e mandei-a vir à Casa do Gaiato falar comigo para tratarmos o assunto com urgência, pois era já Fevereiro.

Assim aconteceu. A rapariga voltou à Faculdade. Paguei-lhes a propina em atraso e as viagens, porque ela, abandonando a Universidade, havia perdido todas as benesses.

Após a Páscoa voltaram as duas, mãe e filha. Carregava-as a segunda propina e, agora, o passe para estudantes já mais em conta.

Acabei de as aviar e logo me chamam para receber uma pessoa compaciente comigo nos mesmos males físicos. Não reconheci a senhora, mas ela identificou-me prontamente.

Trazia uma carrinha comercial cheia, que nem um ovo, de mercearia e 600€, em notas de cem, de pessoa que comunga conosco e pede a nossa oração.

A presença de Deus manifestou-se repentinamente. Estremeci com este sinal da proximidade do Senhor. Enchi-me de gozo sobrenatural, dei-lhe muitas graças e sou impelido a comunicá-lo para que te alegres! Ele trouxe-me muito mais do que eu acabava de dar. □

DOUTRINA

Pai Américo

*Sou um torturado*

ERA no Tribunal de Justiça na cidade de S. Paulo. Um juiz levanta-se e diz ao público que o homem que acabava de falar lhe declarara a ele, juiz, ao ser convidado, que sofria de fome e sede de justiça. O homem em questão era eu. Não me lembro de ter dito aquilo quando fui convidado, mas o que ele disse é verdade: eu tenho fome e sede de justiça.

TENHO sido o criador de uma Obra soberanamente humana, deveria sentir-me satisfeito, porquanto ela, a Obra da Rua, arranca lágrimas de piedade a todos quantos dela tomam conhecimento. Deveria sim; mas não. É precisamente dentro da Obra, em contacto com a Obra, realizando esta Obra; é precisamente neste desgaste por gotas que eu sinto e me vejo devorado. Não concordo. Desejaria berrar alto, chamar a contas, obrigar os responsáveis; mas não tenho título. A lei favorece, a consciência falta e o acto de injustiça dá-se. Exemplo: No Brasil, soube de fonte segura que um dos nossos rapazes tem pai; um homem de sociedade, rico, grande influência, que homem! Como este que ignorava, temos casos do nosso inteiro conhecimento, aos quais só lançamos a mão porque os queremos salvar. Mas a revolta fica. A revolta interior torna-se em ferida. Eu sou um revoltado!

AQUI há tempos, veio um marchante pedir-me que gastasse também eu do seu talho; que me fazia um desconto; e disse por aí fora. Eu apontei-lhe a porta por onde ele tinha entrado e declarei solenemente que jamais lhe pagaria carne para o filho dele comer. Ele compreendeu e desandou.

De metade dos nossos não sabemos a origem verdadeira; eles apresentam-se pelo seu pé e não sabem dizer quem são. Mas a maior parte dos que povoam as nossas Casas são os chamados *filhos ilegítimos*, que também é a maior fonte de injustiça social. É uma causa chamada legal. Tem o selo branco. Uma lei tão fraca, como esta nossa, deixa naturalmente passar pela malha milhares de infractores e torna-se cúmplice da sorte da criança abandonada. Eu sou testemunha de acusação.

SEI de uma maternidade aonde se armam camas em grande número, nove meses depois das festas do Carnaval... Foi o próprio funcionário daquele estabelecimento quem me explicou a presença dos leitos. É um funcionário prudente. Os filhos das trevas são todos assim. Das maternidades, transitam estes desditos para outros estabelecimentos do género, sempre com a voz interior da saudade quem nem as Casas do Gaiato fazem desaparecer.

De uma vez morreu-nos um filho. Teve todos os cuidados de uma família cristã. Na hora derradeira abei-rei-me e perguntei-lhe o que é que ele desejava. «Quero a minha mãe!» Fora em vida um dos que nasceu nove meses depois do Carnaval... Nunca viu nem soube quem ela era, mas queria a sua mãe.

OH! legislador vê o que escreves, quando fazes leis das coisas sagradas da vida! Aquele pequenino moribundo pede uma lei séria e sumária que castigue o infractor.

Mas há mais. Era de uma vez eu que estava em uma destas maternidades, quando chega um homem do campo tisonado e consumido, acompanhado de uma mulher que trazia ao colo um recém-nascido. A história era pequena e o homem conta-a com majestosa simplicidade. Ficara ontem viúvo. Está ali a sua cunhada com o filhinho. Tem mais quatro em casa, mas este pretende deixá-lo ali por um ano, a criar. «É uma ajuda», disse o homem.

Não foi atendido. Eu estava presente e ouvi. Eu sou testemunha de acusação. Não pôde ser recebida esta criança ilegítima porque estávamos justamente no nono mês do Carnaval e as camas eram poucas para os filhos da infâmia! Mas ele há mais causas da pavorosa natalidade ilegítima: são os costumes. Os homenzinhos fizeram dois códigos de moral diferentes; de onde acontece que o Vício enche o mundo de filhos sem pai à custa do sacrifício permanente da mulher.

CADA vez fazem mais falta Asilos. E também são precisas mais Casas do Gaiato! Os poderes legislativos fingem esquecer que, melhor do que abrir maternidades para as mulheres desonradas, é evitar a tolerância que faz delas um jogo para o homem que se diz honrado.

Sim; eu sou um torturado. Eu tenho fome e sede de justiça. Eu vivo a angústia da Obra que criei.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.

VINDE VER!

Padre Quim

A hora dos abandonados

NO episódio das Bodas de Caná, a Mulher humilde que no silêncio percebia a tristeza que a ausência do vinho havia de causar aos convivas, foi dizer ao Filho a aflição das carências humanas. Embora não tinha chegado a Sua hora, tudo aconteceu segundo a intercessão da Mãe. Estamos dentro da oitava da Páscoa a viver a experiência do Ressuscitado na Comunidade. A aridez espiritual que assola a vida de muitos homens e mulheres clama por um regresso imediato ao ponto de partida. Ganha medalha de ouro, quem tiver coragem de voltar ao princípio para recomeçar. Quando realizamos por algum motivo festivo, as competições de atletismo, todos correm, para alcançar um prémio corruptível, São Paulo nos fala de coroa. Qual o segredo? O sabe bem aquele que mais vezes passou a meta para concluir as voltas marcadas. Nas Olimpíadas de espiritualidade mergulha fundo na fonte, aquele que com frequência se retira até ao ponto inicial. A acção dos apóstolos sobre os corações com o dom do Espírito Santo fez com que muitos aderissem ao Senhor pela fé.

A hora dos cristãos é a de ponta, sempre alerta para marcar o tempo que temos disponível para viver a Caridade. Dinamismo e centro de convergência da comunhão da Igreja.

Continuam a aparecer à nossa porta, pedidos para acolhermos as aflições pela causa do abandono. É a hora da urgência. A caridade é paciente, por isso não deixa de ser urgente. Assistência e educação dão corpo ao fundamento do nosso ser família dos que a não têm. Esta afirmação eleva a expressão: da hora dos abandonados. Hora que é marcada só pelo relógio do coração que desponta na generosidade de muitos benfeitores que se lembram de colocar o amor ao próximo mais pobre como o despertador por esta causa nobre. A resposta a esta hora é o objecto da nossa responsabilidade. Os chefes dentro da nossa Casa têm o papel importante de cooperarem desta responsabilidade e com eles todos os outros rapazes. A Obra é deles, para ser feita por eles. O Flávio quer dar contas do seu serviço, já me comunicou em particular. O querer do rapaz em qualquer circunstância para fazer o bem

vale ouro! É esse querer que faz dele o homem útil e prestimoso. Sem este querer não se pode fazer nada para o seu progresso, que é hoje de alcance familiar e social.

A vida familiar que o rapaz encontra dentro das estruturas físicas e sobretudo o calor humano que o acolhe, é factor importante no projeto educativo que se pretende realizar. Tendo — o sempre e somente com a sua colaboração como protagonista na construção das bases em que futuramente estará assente o edifício do próprio indivíduo, como sujeito que pratica a acção educativa e não como complemento das circunstâncias do tempo. Quanto mais cedo forem retiradas as ervas daninhas, mais eficazmente se desenvolverá o rebento. No rapaz, o tão esperado talento! Estão a concorrer para o lugar de responsável da nova sala onde se encontra instalado o sinal televisivo — um gesto generoso da “Zap”, agora a funcionar no bar — vários rapazes, vestidos de amarelo e azul à moda das cores Zapianas, transformaram por completo o ambiente que em nada dava mostras de festa. A responsabilidade consegue-se graças às respostas frequentes que cada um dá dos seus deveres, mesmo os mais simples que nos pareçam. Na hora dos abandonados, vale a resposta generosa dos de dentro como a dos de fora. Quando o grito dos pobres incomoda a sociedade, só a Caridade consegue, dar a paz. □

PENSAMENTO

Pai Américo

O Decálogo não se discute. Quem o cumpre e ensina, é grande. Quem finge ignorá-lo, é mínimo. Grande ou mínimo no sentido moral e eterno!

in *Pão dos Pobres*, 2.º Vol.

MALANJE

Padre Rafael

TRÊS velhinhas aproximaram-se da sacristia e perguntaram quando deixaria ir o tractor preparar um terreno, para plantar mandioca. Há dois anos, a comunidade cristã uniu-se e juntou dinheiro, que entregou ao catequista para que, este, por sua vez, o entregasse à Casa do Gaiato. Durante seis meses dedicaram-se a cortar troncos e raízes e estão esperando o tractor para terminarem o trabalho. Já no ano passado preparámos-lhes um hectare, mas ainda faltam dois.

Nós tínhamo-nos esquecido e o catequista nunca mais nos falou do assunto. Neste momento, muito dificilmente se pode preparar terreno para cultivo, pois está próximo o tempo seco. Mas as anciãs insistiram: «Pelos menos prepare um pouquinho antes de terminarem as chuvas». O problema está em ir ver o lugar, pois o nosso tractorista está na exploração de madeira e vai demorar, e o nosso gaiato Figueira, que também trabalha com o tractor, tem aulas de tarde. Em conclusão, depois da Missa fomos até à aldeia de Quissonde, que dista cerca de 7 quilómetros, por um caminho onde só passa uma mota em cada duas semanas.

Uma hora depois, chegámos ao local onde pretendiam preparar o terreno. As ervas superavam os 3 metros de altura, o que supunha ser o trabalho a dobrar. Pedimos-lhes que marcassem bem o campo,

porque, naquelas condições, era praticamente impossível entrar.

Ao chegar à aldeia, as pessoas receberam-nos jubilosamente, pois pensavam que iríamos iniciar os trabalhos muito em breve. Perguntei às três avozinhas o que era aquele edifício de adobes meio em ruínas e me responderam que era a Escola, mas logo acrescentaram que em pior estado estava a Capela, pois, há um ano, a chuva destruiu-a e só conseguiram guardar as chapas da cobertura. Também neste momento não há nenhum catequista que atenda esta comunidade de duzentas pessoas.

Insistiram que ficasse para almoçar, pois já eram duas da tarde. Declinei dizendo que tinha de regressar a Casa, pois tinha uns problemas para resolver. Mas eles não permitiram que os deixasse sem comer nada e deram-me mandioca assada para o caminho. Não satisfeitos, fizeram-me acompanhar de uns jovens, de mota, até ao lugar onde tínhamos deixado estacionada a camioneta.

Esta manhã está escura e está chovendo. Pergunto-me se o tempo nos permitirá começar os trabalhos durante esta semana. Só Deus sabe, nós tentaremos fazer tudo o que estiver ao nosso alcance.

Quissonde é uma das dezasseis aldeias que atendemos. Todos os Domingos sai, às quatro da manhã, a pé, um grupo da comunidade para participar na Missa dominical. Muita gente nos pede para levarmos o Evangelho a estas pessoas. E eu sempre lhes respondo o mesmo: — Sou eu quem o recebe delas! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

vi as lesões no seu próprio corpo e decidi logo comprar um chão novo, com cimento cola para a sua aplicação.

Não há como a gente ir ver! Não há como sentir na pele o sofrimento dos pobres!

O conforto de uma casa é meio caminho para construir uma família e o contrário, uma via aberta para a própria dissolução.

O elevador, há anos que está parado. As escadas são estreitas e com pouca luz. É preciso tomar fôlego para subir a pé.

Se a casa não atrai, facilmente outros lugares mais acessíveis e agradáveis se lhes deparam. É importante passarmos de uma habitação bem decorada e bem posta, para uma como esta, e compreenderemos a diferença.

Por pressentimento ou preconceito, senti, em mim, repelência por aquele sexto andar. Mantive-me lá, apenas por compaixão e dor das pessoas que o habitam.

Regressei a pensar, na carinhosa recomendação das senhoras doutoras que inspeccionaram a referida casa. Então? A delegação de saúde não devia ser dotada de poderes, para obrigar a outra entidade pública a resolver um assunto destes?! Onde estamos, meu Deus!

— Não há verbas —, é a desculpa contínua, das pessoas investidas em cargos sociais, dada aos inúmeros necessitados!

Mas houve dinheiro com força, para gastar sem critério, ao longo de muitos anos, em realizações dispensáveis, se não inúteis, ou ainda sugadoras contínuas de encargos para os contribuintes. Os responsáveis continuam na crista da onda

política, ou a beneficiar da sua sombra sem que o fogo da crise os chamusque. A injustiça social é clara e concreta, sendo muito diminuta a resistência, não dos políticos, que esses, por deformação profissional sugam sempre para si ou para os seus pares, mas daqueles homens ou entidades que deviam exigir JUSTIÇA.

A justiça social, não pertence só ao domínio de César, mas muito mais à esfera de Deus.

Os pequeninos, porque o são,

suportam, obrigados, o peso terrível da crise. Até quando?!

O *Património* continua a pagar quando pode, meses de rendas de casa, água, gás, luz e receitas médicas, mas também são misteriosas as nossas posses e desconhecidos os nossos limites.

A cidade pobre, quase toda, nos cai em cima. Gostaríamos que fosse recomendada pelos párocos, mas isso, infelizmente, não é hábito. São muito raros os párocos que visitam a casa dos pobres. □

SINAIS

Padre Telmo

GRAÇAS a uma ajuda da Sonangol começámos a reparar as nossas Escolas, já tão danificadas. Novo telhado, janelas, dignidade...

A seguir, a Capela e as casas dos Rapazes: casa 1, 2 e 3. Somente comida e ensino não basta; precisamos de dar aos Rapazes habitações dignas, campos de recreio e trato familiar. Não basta fazer doutores, serralheiros ou motoristas. Sobretudo, é importante fazer homens.

Casou o Malamba, formado em Economia, com noiva de seu nível. Bem.

Veio visitar-nos o Tenguna com uma linda filhinha e arrependido por ter roubado, no primeiro emprego, uma rebarba-deira.

Sinais, uns mais, outros menos... Deus dá força no perdão.

Oálcool é o maior sinal menos em Angola. Camiões descarregam caixas e caixas com sacolas de whisky. Para muitos são início matutino das sua bebedeira, certa e fatal.

Uma lei que restringisse — seria benéfica.

Entrei no autocarro para Malanje. Logo, em Viana, duas senhoras à janela: «Ó rapaz, traz quatro saquinhos!», pediu uma. E logo outra: «Se não bebo dois saquinhos enjoo».

À chegada a Malanje, riam, riam...

Em todos os estabelecimentos de vendas: rimas e rimas de cerveja e bebidas. Assim vai este País!

Somente desenvolvimento nas cidades, estradas e estruturas — não basta.

Maior atenção à saúde mental e física do cidadão parece-nos prioritário. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Cultura da solidariedade

ACIMA de tudo, devemos viver no Amor. Está aqui a chave da nossa felicidade. A indiferença, o egoísmo, matam em nosso coração os sentimentos de misericórdia e de bondade, perante as necessidades dos outros que procuram a nossa ajuda. Estou a escrever-vos no oitavo dia, depois da Festa da Páscoa. Quem dera possamos cantar de todo o coração a alegria por todo o bem que fizemos, por palavras e por obras, a favor dos nossos irmãos! Foram as pedras tiradas do sepulcro da miséria e da pobreza extrema em que jaziam. Vamos continuar, de mãos dadas, pois fomos chamados para formar um só Corpo. O alicerce duma sociedade renovada, mais familiar e mais justa, está neste princípio profundo e seguro. Fomos chamados para formar um só Corpo. A minha humanidade será tanto mais rica, na medida em que der a mão à humanidade mais pobre e necessitada. Parece uma contradição, mas não é.

Há dias, uma empresa de meios audiovisuais veio encontrar-se connosco, em nossa Casa do Gaiato. Deixou-nos uma lembrança muito amiga que alegrou os nossos filhos. No diálogo que mantivemos, o tema central foi o da cultura da solidariedade que devia estar muito viva, a nível das empresas e das pessoas com mais capacidade de ordem financeira. Deste modo, as ajudas às Instituições que vivem das doações particulares, para servirem os mais pobres, seriam um grande bem. É um trabalho muito importante para a renovação social da nossa Angola. É a terra-mãe, com a mesa muito rica, mas a maioria dos seus filhos ainda come somente das migalhas que caem. A grande riqueza ainda circula por vias muito fechadas. Quem dera se vá abrindo cada vez mais o acesso aos bens que, por natureza, têm uma função social. O desenvolvimento dum povo só é autêntico, quando toda a nação participa da sua riqueza.

A propósito da cultura da solidariedade, a preocupação da empresa, centrada no seu interior, nos cuidados com os seus trabalhadores, deve, também, irradiar para o exterior, na ajuda aos pontos mais vulneráveis da sociedade. É, sem dúvida, uma forma de tornar a empresa mais sólida, porque mais apoiada no próprio meio social ao qual se une pela ajuda que lhe presta. É a forma de contribuir para o verdadeiro desenvolvimento da nação, onde foi acolhida, ou nasceu. A cultura da solidariedade radica no amor. A nossa Casa do Gaiato de Benguela, como todas as outras Casas e o Calvário dos doentes incuráveis, vivem do amor que está nos vossos corações e nos corações das empresas animadas pela vida solidária dos seus empresários. Assim aconteceu, há pouco tempo. Recebemos uma ajuda oportuna e muito preciosa duma empresa, por mandato do seu responsável. Estamos verdadeiramente aflitos. O coração da nossa Casa do Gaiato estava muito apertado. Necessitávamos de pagar uma carga de toros da madeira para o trabalho da nossa carpintaria. É, também, uma escola de preparação dos nossos rapazes para a vida futura. O apoio que nos foi dado, acolhido com muita gratidão e alegria, permitiu-nos saldar essa dívida e ajudar muitas famílias necessitadas a ter uma Páscoa feliz. Vamos, pois, continuar a viver no caminho do amor. Que o egoísmo e a indiferença sejam mortos, no íntimo do nosso coração que é a dimensão mais profunda da vida humana. Que os nossos pensamentos, os nossos desejos, os nossos sentimentos, sejam animados pela força do Amor. Esperamos que assim seja, como condição da existência da nossa Casa do Gaiato de Benguela.

Os pedidos para o acolhimento de mais crianças são abundantes. Chegam-nos pelo telefone e pessoalmente. De momento, ainda não podemos receber mais filhos. A Casa do Gaiato não é, contudo, a solução para todos os problemas. Quanto mais abandonados, mais excluídos e rejeitados, são mais nossos. São, também, mais vossos. O caso dum adolescente, com 17 anos, que, embora seja um grande problema para a família, conforme nos foi apresentado, nesta manhã, não tem solução na Casa do Gaiato. Necessita doutro ambiente. Vamos continuar a fazer o que pudermos, de mãos dadas convosco. Um beijinho para todos dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

Continuação da página 1

prumos. Dentro, em fios esticados, toda a riqueza: num, calças, casacos e camisas do homem, noutra as capulanas e os lenços dela. No chão batido, as esteiras. Os que foram ao John têm mala grande com mantas garridas. São a gala da Casa que mostra com deleite a uma tia ou irmã que venha de longe. Para as visitas há sempre frango, porco ou cabrito para a refeição da festa. Há uma coisa porém que ela esconde debaixo duma árvore, bem fundo na terra: a aguardente para quando ele vem do John. Pode demorar dois anos que a bebida, bem forte de canhú, está guardada para ele. E não é pouca: oitenta a cem litros. E se tem quatro mulheres todas ajudam a primeira a fazer o seu melhor. E vivem na Paz do Senhor, que muitos e muitas tendo o que querem, ou mais ou menos, não alcançam. □